

Considerações finais

os caminhos da memória

Silvia Noronha Sarmiento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SARMENTO, S. N. Considerações finais: os caminhos da memória. In: *A raposa e a águia*: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da primeira república [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 187-191. ISBN 978-85-232-1153-0. Available from: doi: [10.7476/9788523211530.006](https://doi.org/10.7476/9788523211530.006). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/ykf8q/epub/sarmiento-9788523211530.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS CAMINHOS DA MEMÓRIA

Via-se, sentia-se, a situação como a luta entre o mocinho e o bandido e, obviamente, tomava-se o partido do mocinho. E como falava bem o mocinho, cuja pistola era o verbo!
(ANDRADE, 1973, p. 2)

De sua infância em Minas Gerais, Carlos Drummond de Andrade guardou o sentimento expresso na epígrafe em relação ao herói Rui Barbosa e seu combate contra o malvado marechal Hermes da Fonseca, na campanha civilista. Do seu ponto de vista, aquela não era uma disputa de poder entre enfadonhos senhores de bigodes e bengalas pelo controle do Estado. Era uma luta de mocinho e bandido, o confronto de vida e morte entre o vilão e o herói.

Heróis são, por sua própria natureza, míticos. Eles condensam uma multiplicidade de referências culturais, de desejos, de aspirações, de uma coletividade.¹ No caso específico do mito político, pode-se dizer, com Raoul Girardet (1987, p. 14), que é um sistema particular de discurso, ancorado em três planos: *fabulação*, *explicação* e *mobilização*. *Fabulação* porque envolve necessariamente a construção de uma história, embora nunca baseada apenas em elementos fictícios, já que esse é um discurso baseado na presunção de verdade. *Explicação* porque, como mito, tem

¹ As reflexões sobre mitos e heróis políticos foram embasadas nos textos de Luís Felipe Miguel e Raoul Girardet, citados nas referências bibliográficas.

o poder de explicar o mundo, conectar fatos do presente e do passado. Finalmente, a mobilização atende a uma característica fundamental da política: mover para a ação.

No fascinante território da mitologia política, destaca-se a figura do herói, ou melhor, dos heróis, pois há vários tipos deles. Girardet identifica quatro, que associa aos seus representantes mais conhecidos: *Cincinato*, o idoso que deixou seu retiro modesto para salvar a pátria; *Alexandre*, o jovem aventureiro e conquistador; *Sólon*, o legislador, fundador e organizador; Moisés, o profeta visionário que guia o seu povo. Muitos outros modelos poderiam ser aventados, ou misturados, pois, no território do mito, não há fronteiras estanques. As diferentes aspirações e referências se encontram e se modificam, de forma fluida e imprevisível, na “encruzilhada do imaginário, onde vêm cruzar-se e embaralhar-se as aspirações e as exigências mais diversas, e por vezes mais contraditórias”. (GIRARDET, 1987, p. 73)

Que tipo de herói foi Rui Barbosa? Certamente, ele tinha muito de Sólon, o jurista circunspecto, grave, respeitável. Era o “pai fundador” da República, o organizador das instituições, o principal autor da Constituição de 1891. Nelson Rodrigues, em suas recordações da infância, diz que o via como um “septuagenário nato”, que já nascera “de fraque, já Conselheiro, e já Águia de Haia”. Era o modelo perfeito do sábio, sobre quem se projetavam todas as aspirações de grandeza do país. Na construção heróica, Rui Barbosa sabia tudo, conhecia tudo. Sua cabeça era a verdadeira biblioteca nacional, como na conhecida caricatura. Mas, Rui também era o mártir. Suas derrotas presidenciais, mesmo sendo o candidato preferido pela população, apenas reforçavam a sua personalidade heroica, pois enfrentar privações faz parte do caminho do herói. Pequenininho, magro, Rui lutava sozinho contra os gigantes da prepotência e manipulação. Era também Davi, contra os Golias da política.

Qual era, na época em que viveu, o perfil heroico de Seabra? Apesar de professor de Direito, ele não podia ser associado a Sólon. Seus



bigodes pintados, sua postura expansiva e barulhenta, não condiziam com a sobriedade que se esperava desse modelo heroico. Seabra desejava transmitir juventude. Depois dos 60 anos de idade, quando deixou de pintar os bigodes, preferiu raspá-los a aparecer com eles grisalhos, o que destoava da moda da época, pois somente os padres e os rapazes andavam por aí de rosto liso. A juventude e o ímpeto se coadunam na imagem do herói realizador, *construtor* e guia que conduz o seu povo para o futuro. Arriscando uma contribuição aos modelos de Girardet, pode-se dizer que o perfil que mais se aproxima da figura de Seabra é o do imperador *Justiniano*,² que buscou recuperar o esplendor de Roma com um esforço de construção e organização. No caso da Bahia, tratava-se de recuperar as suas glórias do passado, da época de ouro (também mítica) dos seus estadistas do Império.

A construção do herói, contudo, não é estática e definitiva, mas oscila ao sabor das expectativas e referências da sociedade. Assim é que a memória de Rui Barbosa e J.J. Seabra tem passado por diferentes apropriações, nas últimas décadas.

Em 1964, quando Raimundo Magalhães Junior lançou o livro *Rui*, o homem e o *mito* – escrito com o objetivo expresso de demolir o mito Rui – parecia que uma bomba havia caído sobre os meios intelectuais brasileiros. Luís Viana Filho, biógrafo ruísta, quase saiu aos tapas com o autor na Academia Brasileira de Letras. A Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, organizou um seminário, com palestras rebatendo cada um dos capítulos do livro. Magalhães Junior foi alvo de artigos violentos de jornal, e foi chamado de “piolho da águia”. Em compensação, a polêmica fez o sucesso do livro, que recebeu logo uma segunda edição. O tema Rui Barbosa ainda estava muito vivo, muito presente, para as pessoas daquela geração.

Com as mudanças na sociedade e a emergência de novos modelos, o perfil heroico de Rui parece ter perdido parte de seu apelo. Seu estilo

² A inspiração para a escolha de Justiniano veio do próprio Seabra, que citou o imperador em uma de suas mensagens governamentais.



retórico já não encontra a mesma ressonância nos leitores. Ele parece ter sido atingido, além disso, pelas mudanças da própria historiografia, que vem empreendendo uma revisão da imagem dos “grandes homens”. É bem verdade que, dos seus companheiros (duque de Caxias, marechal Deodoro, barão do Rio Branco, entre outros), Rui é o que ainda se mantém mais em forma, principalmente por seus feitos jurídicos e por ter se tornado símbolo de justiça e inteligência. Ainda assim, a revisão historiográfica, ou o que dela transborda para os meios de comunicação e as escolas, vai formando um Rui diferente daquele herói do início do século XX. Entre os jovens, a queima dos arquivos da escravidão, por exemplo, pode estar se tornando mais conhecida do que a campanha civilista.

Rui Barbosa ainda é um herói do Brasil, mas não com a intensidade de outrora. Um indício desse amortecimento foi sua caracterização no livro *Mad Maria*, de Márcio Souza (1980), mais tarde transformado em minissérie da TV Globo (2005). O autor retratou Rui como vaidoso, infiel à esposa e envolvido em tramas escusas, como um “homem feio e de aparência doentia”, “velho de setenta anos vivendo de glórias passadas”, com “orgulho que beirava a insanidade”. (SOUZA, 1980, p. 36, 95) O livro é um romance que mistura livremente fantasia e realidade, uma trama de sexo, intrigas e corrupção sem qualquer indicação das fontes históricas consultadas (mas que apresenta figuras históricas e eventos reais, o que deixa o leitor sem uma noção clara de até onde vai a licença poética do autor). No livro *Mad Maria*, Rui participa das conspirações do poderoso Farquhar, que sequestra uma amante de Seabra, então ministro hermista, para forçá-lo a uma decisão política. Na minissérie televisiva, a caracterização negativa de Rui foi amenizada, mas ainda ficou distante do seu perfil heroico tradicional. Curiosamente, um dos heróis dessa versão de *Mad Maria* foi Seabra, ou melhor, o ministro J. de Castro (a adoção do pseudônimo não foi explicada), homem nacionalista e incorruptível, ainda que envolvido em uma aventura amorosa (em que o aspecto romântico foi enfatizado), interpretado pelo ator Antônio Fagundes. Nenhuma das duas



obras, livro e minissérie, provocou senão marolas, nada que se comparasse ao maremoto de indignação que se seguiu ao livro de Magalhães Junior.

O percurso da memória de J. J. Seabra também sofreu alterações. Na época de sua morte, em 1942, ele ainda estava muito presente no cotidiano dos baianos. Seu enterro foi concorridíssimo, pois serviu também como aglutinador daqueles que vinham lutando contra o Estado Novo na Bahia. Em 1942, já se haviam passado três décadas do bombardeio, e a imagem de Seabra já era diferente: ele era visto por muitos como um velho político liberal, que se contrapunha ao regime autoritário de Getúlio Vargas. Na historiografia baiana, contudo, a imagem de *Caim* ainda era predominante, até porque alguns dos principais autores da época, como Luís Viana Filho e Pedro Calmon, eram descendentes próximos dos políticos seus contemporâneos. Sem a perpetuação consciente da sua imagem, como aconteceu com Rui (que está em todos os livros didáticos até hoje), Seabra foi sendo gradualmente apagado, esquecido mesmo. A maioria dos baianos, hoje, não sabe quem ele foi.

Mais recentemente, os novos enfoques historiográficos vêm resgatando a imagem do Seabra *civilizador*, da reforma urbana e da organização do Estado. Porém, essa descoberta veio no bojo da crítica ao modelo de “civilização” almejada pelas elites baianas. Misturadas aos ecos do *Caim*, essas contribuições fortaleceram a visão de Seabra como concentração de tudo de ruim, como verdadeiro vilão da história da Bahia. Os fatos conhecidos da sua vida são, basicamente, os mesmos de sempre, mas adquiriram uma conotação negativa, malévola. Não surpreende, pois, como indica Girardet (1987, p. 16), “lenda dourada ou lenda sombria, a veneração ou a execração alimentam-se dos mesmos fatos, desenvolvem-se a partir da mesma trama”.

